

nº 13 • nov/dez 2009

VOU te contar

A revista do CENSO

**Censo
Experimental:**
Os bastidores do ensaio
geral para o Censo 2010

Eu adoro fazer Censo!
Depoimentos de quem
já trabalhou como
recenseador (e gostou)

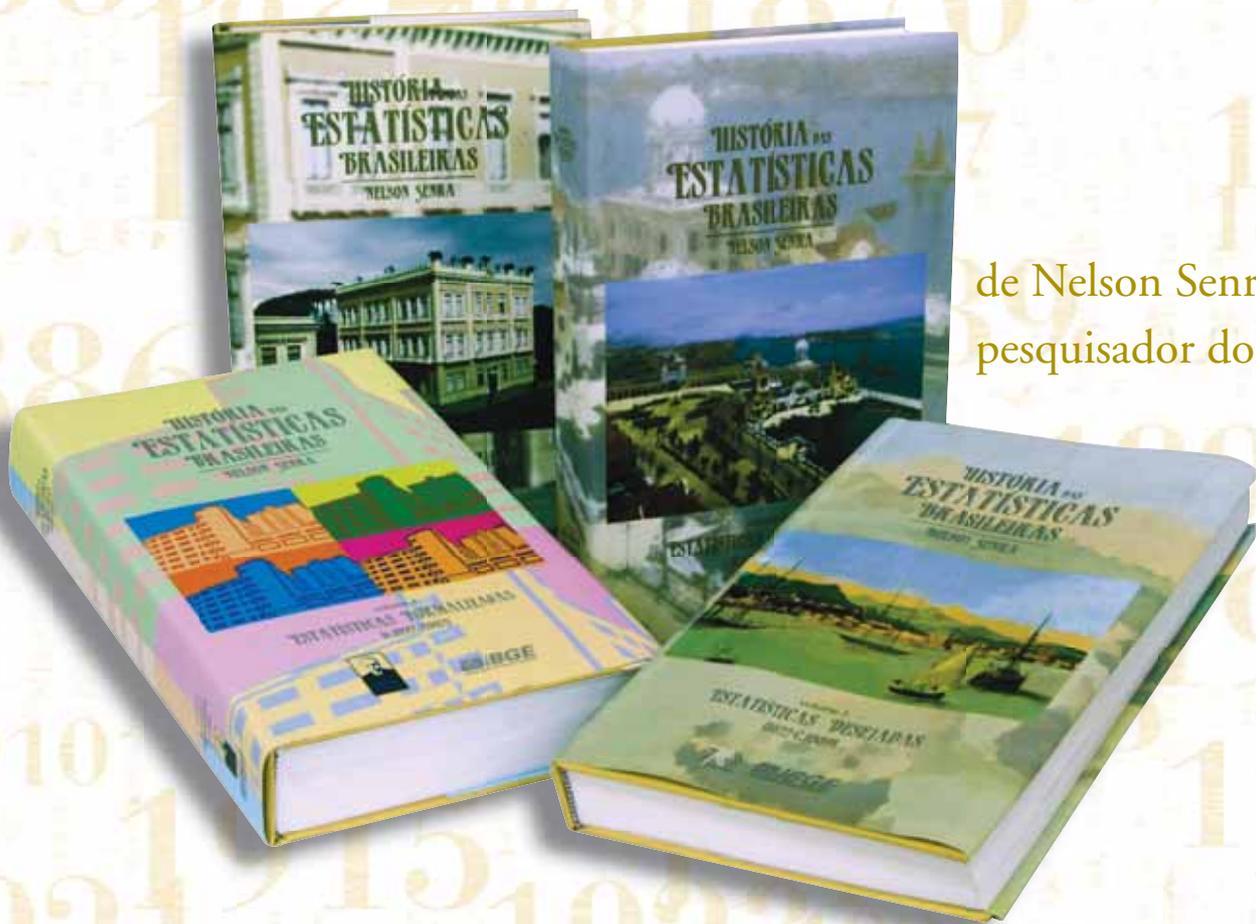
Aldeia Velha
testa Censo em terras indígenas

Deslocamento: como esse tema será tratado no questionário



HISTÓRIA DAS ESTATÍSTICAS BRASILEIRAS

180 ANOS DE HISTÓRIA



de Nelson Senra,
pesquisador do IBGE.

*Esta coleção pode ser adquirida nas livrarias do IBGE, na sua loja virtual (www.ibge.gov.br/lojavirtual),
na livraria do Instituto Pereira Passos e da Fundação Getúlio Vargas.*

www.ibge.gov.br 0800-721-8181

**Centro de Documentação e Disseminação
de Informações - CDDI**
Coordenação de Marketing
Rua General Canabarro, 706 - 3º andar
Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - 20271-201
Tel.: (21) 2142-0123 ramais: 3597 / 3547
Fax: (21) 2142-0257

www.ibge.gov.br
Mande comentários e sugestões para
voutecontar@ibge.gov.br

Coordenação de Marketing
Danielle Macedo

Editora Aglória Tavares (MTB. Nº 18033)

Redação
Elaine Pinto, Marcelo Benedicto Ferreira
e Mônica Marli de Souza

Projeto Gráfico e Diagramação
Eduardo Sidney Araújo

Fotos nesta edição
Alberto Jorge, Álvaro da Silva Vasconcellos,
Fabiana Paula Moreira do Carmo,
Tania Beatriz Teixeira de Carvalho, Licia Rubinstein
e cortesias de PhotoXpress.com e Sxc.hu

Imagem da capa
Paola Monteiro de Oliveira (modelo) e
Licia Rubinstein (foto)

Colaboradores
Paulo Mauricio da Encarnação e Rose Barros

Revisão dos Textos
Gerência de Editoração Kátia Vaz Cavalcanti

Copidesque e Revisão
Anna Maria dos Santos, Cristina R. C. de Carvalho
e Kátia Domingos Vieira

Produção Gráfica Evilmerodac Domingos Silva

Impressão Didática Editora do Brasil LTDA - ME

Circulação IBGE

Tiragem: 80.000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias
e das ilustrações desta edição, desde
que citada a fonte.

Nada de telefone ou e-mail. Ar-condicionado, nem pensar!

Para escrever a matéria de capa desta edição da "Vou te contar", a redação teve que arregaçar as mangas e ir a campo, para acompanhar a coleta de dados do Censo Experimental.

A cobertura foi uma experiência única para nós. Ao observar a realização do teste em lugares tão diferentes quanto a urbana Rio Claro, em São Paulo, e a tribo indígena Aldeia Velha, em Porto Seguro, Bahia, pudemos ver como o nosso País é rico e diversificado. Mas o nosso principal ganho, sem dúvidas, foi conhecer a fundo o trabalho de homens e mulheres incansáveis: os recenseadores. Sob chuva e sol forte, essas pessoas enfrentaram problemas técnicos, dificuldades de entendimento do questionário e até cachorros bravos: todas unidas no desafio de entrevistar os domicílios das cidades participantes do Censo Experimental.

Mas não foram só as dificuldades o que encontramos pelo caminho dos recenseadores: também presenciamos receptividade, calor humano e a simpatia dos entrevistados. É a famosa hospitalidade brasileira, que pudemos conhecer pessoalmente.

O trabalho dos recenseadores em Rio Claro aguçou nossa curiosidade sobre as lembranças guardadas por pessoas que tiveram essa experiência em Censos anteriores. Cartas enviadas ao IBGE por ex-recenseadores nos deram a ideia do quanto eles adoram fazer o Censo! O sentimento comum era de satisfação por estarem contribuindo para a construção de informações mais precisas sobre o Brasil.

E a você, que também está ajudando na realização do Censo 2010, desejamos uma boa leitura!

Equipe de Redação

Sumário

6 Conta-gotas

8 Comissões

Um balanço das instalações das Comissões Estaduais e Municipais para organização do Censo 2010.



11

© SXC.com

10 Pelo mundo

11 Temas do Censo

A importância do tema sobre deslocamento no questionário do Censo.



Foto: Licia Rubinstein

12

12 Copa

Como está sendo o ensaio geral do Censo em Rio Claro e o teste em Aldeia Velha, na Bahia. Um exemplo de como será o Censo em terras indígenas.

18 Inovação Tecnológica

IBGE se prepara para o primeiro Censo brasileiro totalmente informatizado.

20 Nossa história

Conheça Ary Fagundes, cartazista que elaborou peças publicitárias para três censos.

Foto: Licia Rubinstein

18





Fotomontagem: Álvaro Vasconcelos e Licia Rubinstein

24

22 Todos juntos

Um bate-papo com Ricardo Paes de Barros e Wanderley Guilherme dos Santos, da Comissão Consultiva do Censo 2010.

24 Eu adoro fazer Censo

Histórias de pessoas que adoram trabalhar como recenseadores.

27 Nos estados

Folha, Quadra ou Rua? Em cada canto do Brasil, há um nome inusitado para logradouro.

30 Almanaque

A palavra do Presidente

A contagem regressiva para o Censo 2010 começou oficialmente.

O IBGE está realizando nos meses de setembro, outubro e novembro o Censo Experimental, nas cidades de Rio Claro (SP), Porto Feira de Santana (BA), Aldeia Velha em Porto Seguro (BA), Guaporé (RS), Fazenda Nova (GO) e Santo Antônio de Tauá (PA), ponto de partida para a enorme operação censitária que percorrerá todo o País no ano que vem. Este não é o primeiro teste do Censo: já tivemos provas anteriores, para avaliar pontos específicos da operação. Mas é o Censo Experimental que apontará onde acertamos e o que precisa ser corrigido até o início da coleta do Censo, em 1º de agosto de 2010. Desde o questionário até a transmissão dos dados, tudo é avaliado.

Os municípios escolhidos para o Censo Experimental têm características semelhantes às da maioria dos municípios brasileiros. O Município de Rio Claro, no Estado de São Paulo, foi escolhido como sede para esse importante teste. Com 190 mil habitantes, Rio Claro é uma fração perfeita da população presumida do Brasil, que é de 190 milhões. A cidade reúne, ainda, as diferentes características socioeconômica e geográfica do País, sendo o local ideal para a realização do grande ensaio para o Censo Demográfico 2010. Em Rio Claro, o IBGE recenseará todos os distritos do município, que tem 59.323 domicílios, distribuídos pelos 239 setores censitários. Para esse teste, foram contratados 218 recenseadores e agentes censitários.

Como o próprio nome sugere, o Censo Experimental é uma operação que pretende reproduzir as condições de trabalho do Censo, para testar (experimentar) todas as etapas, condições e tecnologias que serão usadas em 2010, em todos os 5.565 municípios brasileiros.

Nos demais municípios, o Censo Experimental visitará apenas um distrito de cada município para, principalmente, avaliar aspectos operacionais importantes. Ao todo, serão mais 13.218 domicílios visitados por outros 45 recenseadores da casa, apoiados por supervisores e coordenadores também da casa para o Censo Experimental.

É esse ensaio, mais do que nunca, torna-se necessário, pois o questionário vem com várias novidades. Durante esse período, o IBGE testará os sistemas operacionais organizados para a coleta, conexão e transmissão eletrônica dos dados; organização dos postos informatizados de coleta; funcionalidade dos equipamentos (PDA e *Netbook*) para a identificação prévia dos domicílios e mapas digitais dos setores; tempo gasto na coleta com questionário básico e da amostra; compreensão, por parte dos recenseadores, das instruções recebidas durante o treinamento; e outras.

Em cada um dos municípios selecionados para o Censo Experimental, o IBGE selecionou alguns observadores nacional e estrangeiro para acompanharem o trabalho de campo e registrarem suas impressões sobre os aspectos positivo e negativo dessa operação.

A expectativa é grande. Da parte do IBGE, o Censo Experimental representa um momento chave para correção de eventuais problemas e preparação das novas etapas do Censo Demográfico 2010. Da parte dos observadores internacionais, também há grande expectativa, pois o Brasil é pioneiro na introdução de algumas inovações metodológica e tecnológica, as quais outros países têm interesse em ver de perto como, de fato, funcionam.

Mas o Censo Experimental, sozinho, não garante o sucesso da operação. O IBGE conta também com a valiosa ajuda das Comissões Municipais de Geografia e Estatística (CMGEs) – comissões tão importantes que passam a ser permanentes a partir deste ano. Formadas por lideranças municipais, as CMGEs irão trazer ao Instituto informações importantes sobre as cidades brasileiras, além de auxiliar na divulgação dos processos seletivos do Censo 2010 e na cessão de infraestrutura para o recenseamento.

É a união de todos os esforços o que nos dá a certeza da qualidade dessa imensa pesquisa que irá retratar, em detalhes, o Brasil.


Eduardo Pereira Nunes
Presidente do IBGE

Muita história para contar

Consciente da importância de se preservar a memória institucional, o IBGE reserva um local especial para o resgate de sua história. A biblioteca do Instituto mantém um acervo de publicações, fotos e objetos que remontam os seus 73 anos de existência. E uma parte específica deste acervo é destinada exclusivamente aos Censos. Materiais de coleta, peças promocionais e propagandas de diversas edições da operação fazem a gente viajar no tempo e, de certa forma, vivenciar as mudanças, não só do Censo, como do nosso País.

Um dos destaques desse acervo é a própria sala da Memória Institucional, localizada no Centro de Documentação e Disseminação de Informações do IBGE, no Rio de Janeiro. A bibliotecária do IBGE, Vera Lucia Capone, conta que o lugar é uma réplica de uma agência de coleta da década de 1940, decorada com objetos característicos do período, como uma máquina de escrever, uma pasta de couro usada pelos recenseadores, cadeiras do Conselho Nacional de Geografia e a foto do fundador do IBGE, Teixeira de Freitas.

Além de visitar fisicamente as instalações da Memória Institucional, os interessados também podem consultar boa parte de suas informações virtualmente, através do *site* <http://biblioteca.ibge.gov.br>. Maria Teresa Passos Bastos, gerente de Biblioteca e Acervos Especiais do IBGE, explica que o conteúdo está sendo digitalizado para facilitar a pesquisa e o acesso de todos.

A Biblioteca é aberta ao público de segunda a sexta-feira, de 8h30min às 16h30min e fica localizada na rua General Canabarro, 706, Maracanã, Rio de Janeiro. Contatos através do *e-mail* (bibliotecacddi@ibge.gov.br) ou telefone (21 2142-0123 - ramais 3535/3536).



Foto: Lícia Rubinstein

Mudança na fração amostral

Em todo censo, há uma porcentagem de domicílios que respondem ao questionário da amostra – é o que se chama “fração amostral”. No Censo 2010, pela primeira vez, o IBGE aplicará 5 frações amostrais diferentes no lugar de 2, de acordo com o tamanho do município em termos de população. Essa mudança permitirá fornecer informação com mais precisão para os municípios de menor porte. Veja como se dá esse cálculo:

Habitantes	Aplicação do questionário da amostra
Até 4 mil	50% dos domicílios
Entre 4 mil e 8 mil	33% dos domicílios
Entre 8 mil e 20 mil	20% dos domicílios
Entre 20 mil e 500 mil	10% dos domicílios
Mais de 500 mil	5% dos domicílios

São Paulo: números que impressionam

Dados consolidados sobre São Paulo, a cidade mais populosa do País, só estarão disponíveis após a divulgação dos resultados do Censo 2010. Mas, em agosto, o IBGE divulgou as estimativas das populações residentes nos 5.565 municípios brasileiros, dando uma ideia do que está por vir. São Paulo, o maior entre esses municípios, está com população estimada em 11.037.593 habitantes – bem maior do que a de países como a Suíça (7,5 milhões), Bélgica (10,6 milhões) e Portugal (10,7 milhões).



© exc.com

IBGE seleciona para 33.012 vagas

Depois do concurso realizado em 2008 para analista censitário, o IBGE acaba de dar mais um passo na contratação de mão de obra para o Censo 2010. Em setembro, foram abertas as inscrições do Processo Seletivo Simplificado (PSS) para o preenchimento de 33.012 vagas de agente censitário em todo o Brasil. As vagas foram divididas por municípios, facilitando a contratação de pessoas que morem na comunidade em que trabalharão como agentes censitários – método que também será adotado no concurso para os recenseadores, previsto para março do ano que vem. A aplicação das provas está prevista para o início de dezembro e a contratação dos aprovados, para janeiro e março de 2010.

O quadro de vagas será o seguinte: Agente Censitário Municipal - ACM 6.722 vagas; Agente Censitário Supervisor - ACS 23.900 vagas; Agente Censitário de Informática - ACI 1.432 vagas; Agente Censitário Administrativo - ACA 558 vagas e Agente Censitário Regional - ACR 400 vagas.

O cargo de Agente Censitário Municipal - ACM não terá inscrição ou prova específica e, em cada município (alguns municípios terão mais de um ACM), será oferecido ao primeiro colocado o cargo de Agente Censitário Supervisor - ACS.

A partir de março, serão abertas as inscrições do PSS para o cargo de recenseador. São cerca de 190 mil vagas para todo o Brasil, para candidatos com nível fundamental completo. A duração do contrato é de até dois meses.



Atualização da Base Territorial Digital para o Censo 2010 entra na reta final



Empresas de roteamento estão associando os endereços do País, fornecidos pelo IBGE, aos mapas dos municípios brasileiros com mais de 20 mil habitantes. Segundo Wolney Cogoy de Menezes, coordenador do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos - CNEFE, a atualização da malha dos demais municípios já está basicamente concluída, salvo pequenos ajustes pontuais. Quanto à qualidade dos mapas fornecidos pelas empresas, Wolney esclarece que uma avaliação realizada foi em relação às ruas que não apareciam nos mapas. Ainda de acordo com ele, um fator que dificulta a associação são os endereços sem número. "Nestes casos, é preciso verificar a localização correta de cada domicílio, caso a caso". No Censo Experimental, realizado em Rio Claro, a equipe também está atenta às falhas de associação na base.



Ilustração: Eduardo Sidney

As Comissões Municipais de Geografia e Estatística

Mobilização de Norte a Sul do País

O Censo 2010 já é pauta de muitas reuniões nos municípios brasileiros. São as Comissões Municipais de Geografia e Estatística - CMGEs, um projeto do IBGE que tem como objetivo envolver toda a sociedade no planejamento e execução da operação censitária.

Maria Tereza Luz, coordenadora estadual de comissões do Ceará, conta que as reuniões das CMGEs dos 185 municípios cearenses estão produzindo resultados extremamente positivos. A coordenadora afirma que todos os participantes estão muito comprometidos e interessados em ajudar. "Tiveram municípios que logo no primeiro encontro já acertaram a questão dos postos de coleta, e olha que isso é assunto só da segunda reunião", comenta orgulhosa do trabalho que estão realizando.

E a melhor notícia é que essa não é uma realidade exclusiva dos municípios cearenses. De norte a sul do País, as CMGEs estão em plena atividade. Com uma média de dez membros por comissão, essa legião de aproximadamente 50 mil pessoas forma uma importante parceria com o IBGE. Juntos, eles estão com a missão de mobilizar o Brasil para a realização do Censo 2010. "Os brasileiros precisam saber que o ato de ser recenseado é muito mais um direito do que uma

obrigação da população”, comenta Alceu José Vanzella, coordenador nacional das comissões, “E é, justamente, através das comissões que nós podemos criar esse grande clima de civismo no Brasil”, completa.

Opinião de quem participa também

A certeza da importância das comissões para o Censo 2010 não é uma percepção apenas do IBGE. A Vou te Contar conversou com membros de diferentes CMGEs, todos se mostraram muito satisfeitos por estar fazendo parte dessa parceria e identificaram inúmeros benefícios que essa iniciativa produz.

Segundo Ester Inês Schieffer, secretária de planejamento do Município de Várzea Grande, em Mato Grosso, a comissão está sendo muito importante, pois vem permitindo um trabalho integrado entre a prefeitura e o IBGE. “Através da troca de informações e do ajuste de interesses, os dados produzidos pelo IBGE vão, cada vez mais, fazer sentido para nós”, declara.

Para Roberto do Nascimento Rodrigues, professor do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional de Minas Gerais (Cedeplar), participar da CMGE de Belo Horizonte é uma oportunidade de conhecer a precisão e a qualidade dos dados coletados durante o censo. “Esses dados servem de referência não só para se fazer o perfil da população, mas também para delinear todas as atividades de planejamento da qualidade de vida da população”, comenta.

Lourival Peyerl, membro da CMGE da capital paranaense, acredita que essa parceria é interessante tanto para o IBGE quanto para seus membros. “Nós

ajudamos a divulgar o Censo, mas em contrapartida temos a oportunidade de acompanhar como é feita toda a operação censitária”, fala. Lourival é coordenador de informações do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc) e reconhece que os dados produzidos pelo Censo são essenciais para se entender o crescimento da cidade.

“A comissão é um ótimo exemplo de um trabalho participativo, que envolve toda a comunidade”, diz Adeilma Ferreira Pinheiro, membro da CMGE de Vitória do Jari, o mais novo município do Estado do Amapá. Como representante de uma cooperativa mineral da região, Adeilma fez questão de parabenizar o IBGE pela iniciativa de trabalhar em parceria com organizações comunitárias.

Roberto Góes, prefeito de Macapá, acredita que a participação da comunidade nas comissões é fundamental. “Depende da própria sociedade a qualidade dos dados levantados e o bom resultado da cobertura territorial, o que, lá na frente, voltará através de recursos para a saúde, a educação, obras e serviços que assegurem melhor qualidade de vida para a nossa população”, afirma.

“Aqui tem casa que você passa na estrada e não vê”, conta Jorge Luiz Tavares de Santana, secretário de agricultura de Santana do Ipanema, em Alagoas. Para ajudar o Censo a identificar até mesmo esses locais mais distantes, o secretário faz questão de participar da CMGE de seu município. Jorge sabe que nenhum domicílio deve deixar de ser recenseado, e olha que de Censo ele entende. “Eu fui supervisor do Censo 1991”, declara.

Fotos: Alberto Jorge, Fabiana Paula M. do Carmo e Tania Beatriz Teixeira de Carvalho



As Comissões em Santana do Ipanema (Alagoas), Belo Horizonte (Minas Gerais) e Várzea Grande (Mato Grosso).



Censo pela Internet em Portugal

Assim como vai acontecer no Censo brasileiro, Portugal também inova e lança a coleta pela Internet em 2011. O “e-censos”, como é chamado por lá, foi projetado para ser um dispositivo capaz tanto de criar um clima favorável à colaboração da população para responder ao Censo e como também para melhorar a qualidade das respostas.

O *bureau* de estatísticas português se empenhou em viabilizar a coleta via *web* num esforço não só de inovação, mas também de alinhamento com as práticas internacionais, já que outros países já utilizaram essa opção em censos anteriores como, por exemplo, Estados Unidos, Singapura, Suíça, Espanha, Canadá, Nova Zelândia e Austrália.



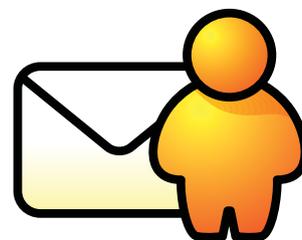
Ilustração: Eduardo Sidney

Uruguai e Estados Unidos fazem censo em 2010

Com o *slogan* “*Contame que te cuento*”, o Uruguai já iniciou a contagem regressiva para o seu Censo que será realizado também em 2010. Os *sites* dos *bureaus* de estatística americano (www.census.gov) e uruguaio (www.ine.gub.uy/censos), na Internet, atualizam o número de dias, horas, minutos e até segundos que faltam para o início da coleta. No caso dos Estados Unidos, o censo terá início em 1º de abril, e no Uruguai, em 1º de setembro.

Notícias do Censo por e-mail

Quem quiser saber as últimas notícias sobre o Censo da Austrália pode receber informações por *e-mail*. Basta mandar um *e-mail* para census.users@abs.gov.au, escrevendo no assunto “*add to Census email*” e tudo o que for referente à pesquisa é enviado. Por enquanto só dá para receber informativos do Censo 2006 ou notícias sobre o planejamento da próxima operação, já que o censo de lá está marcado para 2011.



Jingle para falar de censo

A população de Trinidad e Tobago, na América Central, tem um motivo a mais para participar do Censo 2010 marcado para maio. Um concurso premiará o *jingle* que melhor descreve a operação censitária, ressaltando a sua importância para o país. O primeiro lugar ganhará um *laptop*; o segundo, um *notebook* e o terceiro, um aparelho de DVD. A melhor canção será divulgada nas rádios do país, podendo ser ouvida também em outros países através do *site* do Ministério do Planejamento, Domicílios e Meio Ambiente, responsável pela execução do Censo.



Ilustração: Eduardo Sidney

De onde viemos e para onde vamos?

Para ajudar a responder essa pergunta, o Censo 2010 vai investigar o deslocamento da população de casa para o trabalho ou estudo. Por isso, foram incluídas no questionário da amostra* questões sobre o local em que a pessoa trabalha, onde estuda, se retorna diariamente para o domicílio e o tempo gasto de casa até o trabalho. As informações levantadas vão auxiliar na identificação dos municípios que fazem parte de um mesmo aglomerado urbano, o que é importante no planejamento de uma rede integrada de transporte público, saúde e educação, por exemplo.

Para Maria Luisa Gomes Castello Branco, coordenadora de Geografia do IBGE, a grande novidade para 2010 é que os deslocamentos para estudo e trabalho serão abordados em separado e por meio de um grupo de perguntas. No Censo 2000, os entrevistados responderam apenas a um quesito: “em que município e Unidade da Federação ou país estrangeiro trabalha ou estuda”. Segundo ela, agora será possível detectar mais nuances dos deslocamentos e qualificá-los para melhor subsidiarem o planejamento urbano.

“Apesar das limitações, os estudos feitos com base no Censo 2000 já foram excelentes e geraram muitos trabalhos. É um tema muito pesquisado pelos planejadores urbanos. Para fazermos o desdobramento desse quesito, consultamos os censos de outros países, como a França, Estados Unidos e Inglaterra”, explica Maria Luisa. Quanto aos aspectos relativos ao tema que mais suscitam a curiosidade dos estudiosos, Maria Luisa destaca a definição da extensão das manchas urbanas,

bem como a integração entre elas, e o tempo gasto no deslocamento para o trabalho e estudo nas áreas metropolitanas.

Dados vão revelar como população se locomove

Os resultados também vão permitir que se dimensione o impacto desses deslocamentos em áreas que abrangem municípios de várias Unidades da Federação e de fronteiras. “Neste caso, vamos identificar pessoas que trabalham e se deslocam diariamente do Brasil para trabalhar em outro estado ou em um país vizinho”, explica Maria Luisa.

Outro ponto importante, segundo a geógrafa, é a possibilidade de identificar os deslocamentos para trabalho no campo: “porque hoje em dia muitas pessoas moram na cidade e trabalham em área rural (na colheita da cana-de-açúcar, por exemplo), e voltam diariamente para casa”.

Saber como a população se desloca, também vai mostrar aspectos relativos a modernas formas de trabalho, como pessoas que desenvolvem suas atividades profissionais no próprio domicílio, aquelas que se deslocam eventualmente para o local de trabalho e outras que trabalham em vários municípios, como os representantes comerciais. “Essas informações vão identificar as pessoas que usam o transporte coletivo diariamente ou não”, comenta Maria Luisa.



Rio Claro abre as portas para o Censo Experimental

Foto: Licia Rubinstein

Desde o primeiro dia de setembro, as ruas e avenidas de Rio Claro (SP), organizadas em quadras geometricamente traçadas, vêm sendo percorridas por um grupo de 134 pessoas com a tarefa de visitar todos os domicílios do município. Para alguém desavisado, pode ser curioso encontrar essas pessoas – de coletes e bonés azuis, identificadas por um crachá e portando um pequeno computador –, sendo recebidas, na maioria das vezes, de portas abertas pela população. Para saber o que estão fazendo não é preciso muito esforço, pois os cartazes afixados nos estabelecimentos comerciais, instituições públicas, igrejas e muros da cidade não deixam dúvida: Rio Claro é a sede do Censo Experimental do IBGE, um grande ensaio para o Censo Demográfico que vai ser realizado em todo o País em 2010.

A tranquilidade do município, cercado de muito verde, em especial em suas praças e jardins, a simpatia dos moradores e o clima agradável, apesar do sol forte após o meio-dia, são elementos que trazem uma satisfação a mais ao trabalho dos recenseadores que, nesta operação em especial, realizam um Censo com o objetivo de apontar possíveis falhas do processo. Assim, o exército “azul”, que caminha pelas ruas de Rio Claro, trabalha para encontrar problemas que ao serem resolvidos vão garantir o sucesso do Censo 2010.

Operação conta com apoio da Comissão Municipal de Geografia e Estatístico

Para os recenseadores serem bem recebidos nos domicílios e os questionários devidamente respondidos, Ivan Donizetti Marafon, com três censos na bagagem e desde 1992 na chefia da agência do IBGE em Rio Claro, explica que foi fundamental conscientizar a população sobre o projeto: “começamos a divulgar desde outubro de 2008, quando soubemos que o experimental seria aqui. O trabalho foi feito junto à imprensa e às entidades (governamentais e da sociedade civil). No primeiro dia do Censo, a divulgação teve um alcance nacional”. Segundo ele, o apoio do poder público foi fundamental, em especial no empréstimo de imóveis e mobiliário para a montagem dos postos de coleta. O mesmo acontece em relação aos membros da Comissão Municipal de Geografia e Estatística - CMGE que, segundo Ivan, também têm papel fundamental nas operações censitárias.

“Os membros da comissão são ouvintes privilegiados. A nossa questão é o sucesso do Censo: atingir o maior percentual possível de pessoas recenseadas, com uma boa qualidade de respostas do questionário. Pertencer a esta comissão não é receber um título honorífico, não é algo para o currículo e nem uma forma de aparecer em rádio e televisão. É saber que aceitar esse papel é assumir uma responsabilidade nacional. Eu sou membro dessa comissão local, mas eu tenho na mente que a minha responsabilidade é nacional”, destaca Odeibler Santo Guidugli, demógrafo da Unesp e integrante da Comissão Municipal de Geografia e Estatística de Rio Claro.

Ainda segundo Odeibler, falta à sociedade brasileira adquirir uma educação demográfica: “ter uma noção



Foto: Licia Rubinstein

Para Odeibler Guidugli, o objetivo da CMGE é o sucesso do Censo 2010.

de como ela é, como vive, se está crescendo ou não. O Brasil, por exemplo, vive um processo de envelhecimento que vai dar uma nova imagem ao País. Por isso, o censo é quase tão importante quanto a nossa constituição”.

De olho na logística da coleta

O trabalho em cada um dos três postos de coleta distribuídos por Rio Claro começa cedo. O dia-a-dia é marcado por um vai e vem de recenseadores em busca de orientações e entregando arquivos com os dados dos questionários aplicados. Periodicamente acontecem reuniões para avaliar o andamento da coleta. “Muitos dos problemas encontrados em campo podem ser solucionados a partir de uma leitura do manual. Quando memorizamos bem os conceitos, fica mais fácil resolver a maioria deles”, conta Caio César Pires Ricci, supervisor.

Já Rodrigo Sá Pereira, supervisor, fala da preocupação com falhas no equipamento (*netbook*) e no aplicativo utilizados na coleta: “como é um censo experimental, é bom que esses problemas aconteçam agora”. Dentre diversos aspectos que envolvem um censo, também estão sendo testados os manuais, o treinamento das equipes, a transmissão de dados, as rotinas nos postos de coleta e as perguntas dos questionários. “Sinto interesse do IBGE em resolver os problemas que estamos encontrando, uma preocupação de minimizar os problemas para 2010. Sinto-me orgulhoso em pensar que no ano que vem vai ter uma outra pessoa em meu lugar que, com certeza, vai enfrentar menos problemas”, diz João Gabriel, supervisor.

Clima de descontração e garra na realização dos trabalhos no posto de coleta.

Foto: Licia Rubinstein





Foto: Licia Rubinstein

Recenseador atento aos possíveis problemas do questionário.

Frente a frente com o entrevistado

Para os recenseadores, a experiência de participar de um censo é gratificante por causa do contato direto com as pessoas, mas também é um momento de vencer desafios. “Eu estou me sentindo mais importante porque as pessoas estão gostando de responder o questionário. Penso que é um meio de eles falarem através de mim para alguém mais importante (que pode fazer algo por elas)”, diz Vitor Winzel Junqueira. “Como sou estudante de geografia, este contato com as pessoas tem sido muito importante. Com o campo, passei a ter maior habilidade em abordar as pessoas, ter uma ideia de como é a vida delas”, conta Helder Mauch.

Mas nem tudo são flores na rotina de um recenseador de um Censo Experimental. Além de ter que lidar com os problemas que vão aparecendo ao longo do teste, ele também passa por situações inesperadas com os entrevistados. Edemilson Mouch conta que uma entrevistada disse que trabalhava em um programa de rádio e o confundiu com um radialista que ela gostava muito: “ela realmente acreditava nisso”. Vanessa Rossetto Marcelino não se esquece dos entrevistados que aproveitam as perguntas do questionário para reclamar dos problemas do País: “falam que o governo precisa construir casas, que a energia elétrica está cara”.

Ivan Marafon, chefe da Agência do IBGE de Rio Claro

Porém, uma conversa com os entrevistados mostra que quanto mais informados sobre a realização do Censo Experimental, maior é o interesse das pessoas em participar. Segundo os recenseadores, muitos moradores terminam de responder o questionário e ajudam a localizar os vizinhos que ainda não foram encontrados. “Fiquei sabendo que o IBGE estava na cidade através da televisão. Acho importante participar do Censo para saber o que está acontecendo no País, com as famílias”, conta Jonas Christofletti após responder o questionário.

Aparando as arestas

Até o término da coleta de dados, no final de novembro, é importante continuar mobilizando a sociedade para participar do experimental. Segundo Ivan, será preciso dar uma atenção especial às áreas nas quais os moradores não foram encontrados pelos recenseadores após algumas visitas. Por outro lado, a contratação de pessoal para substituir os que assumiram outros compromisso por ser uma tarefa temporária é um ponto que também merece atenção.

“O grande ganho do IBGE, em termos de censo, é que agora na coleta de dados o recenseador deixou de trabalhar com um monte de papel debaixo do braço. O manuseio do questionário era difícil porque era preciso ficar percorrendo folha por folha. No meio digital, basta clicar para mudar de questão. Com os equipamentos funcionando corretamente, o grande ganho vai ser em termos de tempo de coleta e velocidade no processamento dos dados”, comemora Ivan.



Foto: Licia Rubinstein



Foto: Lícia Rubinstein

O Censo vai à tribo

O IBGE realiza o Censo Experimental na comunidade indígena Aldeia Velha, na Bahia.

As casas de pau a pique, misturadas a algumas poucas casas de alvenaria, alinham-se às margens de uma longa rua de barro. Subindo essa rua, o técnico Gilmar Horas Peixoto bate palmas em frente a um portão: ele está trabalhando como recenseador no Censo Experimental em terras indígenas, realizado durante o mês de setembro em Aldeia Velha, tribo de índios pataxós em Arraial D’Ajuda, distrito de Porto Seguro (BA). Quem atende o chamado é Maria de Lourdes, conhecida pelos pataxós como “dona Onça”. Apesar do que seu apelido sugere, dona Onça é simpática e acolhedora – agradável até mesmo quando repreende o recenseador: “Moço, esperei por vocês ontem o dia inteiro, fiz até suco pro senhor”.

Maria de Lourdes é um exemplo da receptividade geral da Aldeia Velha ao Censo Experimental. “Dos 70 domicílios que entrevistei, não tive nenhuma recusa, nenhuma resistência”, atesta Gilmar. Dominique Dupuit, coordenadora operacional do Censo na Bahia, reforça a importância dessa cooperação. “É um bom exemplo de procedimento para seguirmos no Censo 2010, já que aqui na Bahia temos outras etnias”, avalia.

Em Aldeia Velha, antes de qualquer questionário ter sido preenchido, funcionários do IBGE conversaram primeiro com o cacique Urubaya Pataxó, que ajudou a explicar o Censo a toda

comunidade. “Nas outras aldeias, pode-se tentar, ainda, uma reunião geral com toda a tribo, em vez de falar apenas com as lideranças locais”, sugere Urubaya.

Apesar da grande cooperação dos pataxós, algumas particularidades da Aldeia Velha vêm trazendo desafios para os recenseadores. Entre essas características, a principal é a alta taxa de fecundidade entre indígenas: são seis filhos por mulher, segundo os dados do último Censo. “Um dia, fui entrevistar uma residência com 10 moradores e caiu justamente o questionário da amostra, com cerca de 80 perguntas”, relembra Gilmar.

Novas questões indígenas

Os 180 domicílios da Aldeia Velha ajudaram a testar uma novidade do Censo 2010 com relação à temática indígena: em todos os questionários (básico e da amostra), haverá uma pergunta sobre cor e raça, que se desdobrará em outra: “você se considera indígena?”. Os pataxós também responderam sobre a que etnia pertencem e se falam ou usam o idioma de seu povo, mais duas inovações do questionário.

A pesquisadora Nilza Martins Pereira e o analista de sistemas Cezar Cioffi Camardella, ambos do IBGE, acompanharam o Censo Experimental na aldeia para observar a aplicação dos questionários. “Avaliamos duas situações: a parte de captação de coordenadas (através do GPS, para determinar a localização do domicílio), o tempo gasto na parte operacional; e a parte do questionário propriamente dito, sua compreensão e aplicabilidade”, conta Cezar. “Neste Censo Experimental, alguns pontos de ajustes já foram identificados e serão discutidos no âmbito da DPE (Diretoria de Pesquisas do IBGE)”, complementa Nilza.

Esta não é a primeira vez que o questionário do Censo 2010 passou por testes em terras indígenas. Os dois testes-piloto do Censo 2010, realizados em cidades de Roraima e Goiás, incluíram algumas tribos. Além disso, o IBGE participou, no Paraná, de uma prova conjunta do Mercosul entre Brasil e Paraguai sobre populações indígenas. “Tivemos a oportunidade de observar as características dos indígenas das Regiões Norte, Centro-Oeste e Sul. Precisávamos realizar o teste em grupos típicos do Sudeste ou do Nordeste, e o sul da Bahia nos pareceu o local ideal”, explica Nilza.



Foto: Licia Rubinstein

Recepção ao IBGE em Aldeia Velha superou as expectativas.

Funai e Funasa: dados do Censo serão essenciais

A Fundação Nacional do Índio - Funai e a Fundação Nacional de Saúde - Funasa são grandes parceiros do IBGE sobre a temática indígena e estão acompanhando de perto a preparação do Censo 2010: a Funai enviou um representante para observar o Censo Experimental, em Aldeia Velha. Artur Nobre Mendes, coordenador de documentação da Fundação, conheceu aspectos operacionais do Censo, visitou o posto de coleta instalado na comunidade indígena, e acompanhou o recenseador durante o preenchimento de alguns questionários.

Para Artur, uma grande vitória deste censo foi o compartilhamento de informações entre a Funai, a Funasa e o IBGE, o que permitiu ao Instituto delimitar as terras indígenas como setores censitários fechados. “Essa medida consolidará os dados como se cada comunidade fosse um município separado, o que nos trará informações de qualidade sobre as comunidades indígenas”, analisa Artur. Com dados mais precisos sobre as aldeias, a Funai e a Funasa poderão elaborar políticas públicas específicas para essas comunidades – e é o que espera o cacique Urubaya. “Estamos de braços abertos para o IBGE porque dependemos muito do resultado dessa pesquisa”, frisa.

Pataxós em busca da identidade

Um fato histórico marcou profundamente a etnia pataxó e foi responsável por sua dispersão pelo extremo sul da Bahia, com reflexos sentidos até hoje. Em 1951, seguindo denúncias de que índios pataxós haviam saqueado comerciantes da região, a polícia militar invadiu a aldeia de Barra Velha, em Porto Seguro, espalhando violência e causando mortes. “Depois desse massacre, os índios se ‘espararam’ pela cidade e em algumas fazendas”, conta Tapumarã Pataxó, vice-cacique de Aldeia Velha. Os movimentos de reagrupamento da etnia são recentes, e Aldeia Velha é a comunidade pataxó mais nova entre as demais, tendo começado sua ocupação apenas em 1998.

Hoje, os índios pataxós de Aldeia Velha procuram resgatar, de todas as formas, a cultura e as tradições de seus antepassados. Na escola da aldeia, que dá aulas de alfabetização à nona série do ensino fundamental, esse movimento de resgate é sentido ainda mais fortemente. Toda sexta-feira, as crianças devem ir à escola caracterizadas com trajes típicos de seus ancestrais: colares feitos com semente de pau-brasil, saiotas de casca de imbiriba, cocares e outros adereços. Esta nova geração de pataxós também já está aprendendo a língua da etnia, o patxohã.

Apesar de seu convívio com a cidade ser intenso, a tribo pataxó de Aldeia Velha preserva a mesma estrutura social de seus ancestrais e o senso de comunidade é muito forte. “Ser parte da tribo significa ajudar uns aos outros em momentos de dificuldade”, explica o cacique Urubaya. É também uma comunidade altamente democrática: o cacique e o vice-cacique governam enquanto tiverem a aprovação da maioria. Se a tribo achar que o cacique não está correspondendo às expectativas, convocam-se novas eleições para o posto.

Além do cacique, Aldeia Velha conta com outra figura de autoridade: a pajé, que cuida da saúde de cerca de 800 índios, população estimada da tribo. Aos 77 anos, Jassanã Pataxó transborda disposição: além de produzir pomadas, garrafadas e outros remédios a partir de plantas medicinais que ela mesma cultiva, Jassanã também é a parteira da comunidade. “Fui eu quem ajudou a parir todos esses meninos”, diz ela, apontando as crianças na escola da aldeia. “Fiz mais de mil partos, até já ajudei a parir quatro gerações de uma mesma família”, garante, orgulhosa.



O cacique Urubaya e a pajé Jassanã: o antigo e o atual convivem na Aldeia Velha.

Fotos: Licia Rubinstein



Foto: Licia Rubinstein



O Censo do terceiro milênio

Fotomontagem: Licia Rubinstein e Sxc.hu

Novas tecnologias vão trazer velocidade e segurança à coleta e à divulgação dos dados do Censo 2010.

Pilhas e mais pilhas de papéis acumulavam-se nas agências de coleta, ocupando todos os espaços. Recenseadores tinham uma papelada e tanto para transportar: questionários preenchidos e em branco, mapas, cadernetas e folhas de coleta. Por fim, toneladas de questionários eram encaminhadas, de todo o Brasil, à sede do IBGE, no Rio de Janeiro. Essa cena, bastante comum nos censos anteriores, tornou-se passado: hoje, o Instituto mostra que está em sintonia com as novas tecnologias e realizará, em 2010, o primeiro Censo Demográfico brasileiro totalmente informatizado.

Tudo começa com o Censo Agropecuário e a Contagem de População, realizados em 2007. Eles foram um verdadeiro teste para o uso dos PDAs como equipamento de trabalho dos recenseadores. “Tudo que estamos projetando para 2010 passa pelo ensaio tecnológico feito em 2007, no qual, pela primeira vez, testamos a coleta de informações não mais em papel, mas usando equipamentos portáteis”, conta José Sant’Anna Bevilaqua, coordenador de Tecnologia da Informação e Comunicações do Censo. Além dos equipamentos utilizados em 2007, o Censo 2010 vai contar com mais 150 mil *netbooks* para a coleta de campo, ressaltando o fato de que cada Censo

Demográfico ou pesquisa de contagem representa um ganho tecnológico para o IBGE. “Em 2000, tivemos o grande avanço da leitura óptica, em que não precisávamos mais digitar as informações. Em 2007, já começamos a coletar as informações com equipamentos e, em 2010, esse processo volta totalmente otimizado para dar a maior velocidade possível ao trabalho do recenseador”, enumera Bevilaqua.

O processo otimizado mencionado pelo coordenador, trata-se de uma necessidade apontada pelos Censos 2007: a criação de uma etapa no processo de envio dos dados do PDA e dos *netbooks* até o Centro de Processamento de Dados - CPD, no Rio de Janeiro. Em 2007, os PDAs transmitiam os dados diretamente para a sede. Agora, os dados desses equipamentos serão armazenados em postos de coleta informatizados, criados especificamente para a retransmissão dessas informações (veja abaixo o fluxo completo no infográfico). Esses postos serão equipados com *notebooks*, *pen-drives*, cartão de memória, impressora, internet e uma pequena rede de comunicação interna para conexão dos *netbooks* e PDAs com o *notebook* do posto. Em todo o Brasil, serão instalados cerca de 7 mil postos de coleta – a maioria em espaços cedidos por órgãos públicos. Portanto, as Comissões Municipais de Geografia e Estatística - CMGEs terão papel fundamental em auxiliar o IBGE na obtenção desses espaços.

Como o País é grande e diversificado, nem sempre haverá lugares em que a conexão via Internet será viável. “Já estamos identificando os locais onde a rede de comunicação de dados ainda não oferece uma boa solução para conexão. Para esses locais, estamos implementando desde já um processo alternativo de

transferência dos dados”, conta Bevilaqua. A alternativa consiste em gravar as informações coletadas em *pen-drives*, que serão levados a um lugar com uma boa conexão com a Internet. Bevilaqua garante que, de uma forma ou de outra, a transmissão de dados durante o Censo 2010 não prescindirá da segurança: “Todo processo vai ser acompanhado de um mecanismo de *back-up*, para que, se houver problema durante alguma dessas fases, tenhamos uma grande facilidade em retornar o processamento a partir da fase anterior”.

Rapidez nos resultados

A informatização do Censo 2010 não será positiva apenas para a fase da coleta. As novas tecnologias, também, serão importantes para diminuir o tempo entre o processamento dos dados e a divulgação dos resultados preliminares, em dezembro de 2010. “Para esse censo, estamos prevendo que serão divulgados no mês de dezembro não só os resultados preliminares, mas um conjunto maior de tabulação”, conta Bevilaqua. O coordenador dá uma ideia da velocidade em que as informações do censo serão processadas: “No Censo 2000, tabulações de estados do porte de São Paulo, Minas e Rio de Janeiro demoravam cerca de 10 a 15 dias para serem obtidas. No Censo 2010, no momento em que esses dados forem liberados, em questão de três a quatro dias, já teremos essas tabulações prontas”. Além disso, a Diretoria de Informática do IBGE calcula que todo o aparato tecnológico a ser utilizado no Censo 2010 deverá cortar em um terço o tempo que era despendido no processamento e na avaliação das informações coletadas.



Um *designer* a serviço do Censo

Dono de um estilo próprio, Ary Fagundes elaborou peças para os Censos de 1940, 1950 e 1970.



Durante a campanha de divulgação do Recenseamento Geral de 1940 – o primeiro Censo realizado pelo IBGE –, transeuntes da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, olhavam para cima, boquiabertos. Não era pássaro, nem avião o que chamava a atenção dessas pessoas, mas uma enorme “folhinha” de calendário trespassada pelo Obelisco. Os dizeres “1 – Domingo – Recenseamento” lembravam que, a partir de 1º de setembro de 1940, todos os domicílios receberiam a visita dos recenseadores.

A ideia de fazer essa intervenção, que causou sensação na época, foi inspirada na principal peça da campanha publicitária do Censo 1940: o cartaz que ilustra essa página, criado por Ary Fagundes, um dos mais prolíficos designers a serviço do Censo brasileiro. Ary trabalhou

em nada menos que três recenseamentos, elaborando cartazes dos Censos 1940, 1950 e 1970, e deixando sua marca na Memória Institucional do IBGE. Sua contribuição chamou a atenção de Licia Rubinstein, *designer* do Instituto, que lhe dedicou um capítulo em sua dissertação de mestrado sobre a propaganda do Censo 1940. “A qualidade do material gráfico criado por ele e a sua consciência de projeto em nada diferem do que se entende hoje por *design*”, frisa Licia.

Para o Censo 1940, Ary foi responsável pelo *design* de três cartazes. Em 1950, projetou um cartaz, e, junto com outros três *designers*, foi responsável pela “cara” daquele Censo, que imprimiu cerca de 150 mil cartazes. Em 1970, sua última contribuição para os censos brasileiros, Ary Fagundes foi um dos três vencedores de um concurso conduzido pelo IBGE para escolher os cartazes de divulgação do Censo. Seu cartaz foi utilizado para representar todos os levantamentos efetuados pelo Recenseamento Geral 1970 (“cartaz genérico”) e teve 50 mil exemplares impressos. Por esse trabalho, Ary recebeu um pró-labore de Cr\$ 1 mil (cerca de R\$ 850). O valor parece pequeno hoje, mas a contribuição de Ary para a história da propaganda censitária não tem preço.

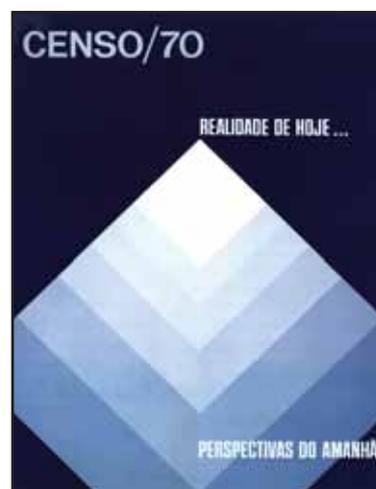
Pioneiro do *design* brasileiro

E a contribuição de Ary não se restringe apenas à memória dos Censos brasileiros. De acordo com Licia, os trabalhos de Ary Fagundes trazem questionamentos sobre o marco inicial da própria história do *design* brasileiro. “Esse marco frequentemente é situado entre as décadas de 1950 e 1960, com a instituição de cursos avançados no País e a adoção de modelos importados do modernismo europeu. A constatação de que o trabalho de Fagundes condizia plenamente com o que era desenvolvido no exterior, por artistas mundialmente famosos e reconhecidos, torna difícil concordar com esta ideia”, argumenta.

Mais sobre Ary Fagundes

O carioca Ary Fagundes (1910-1992) formou-se em Arquitetura em 1934, mas desde 1930 já trabalhava como *designer* gráfico. Além de prestar serviços para a propaganda dos Censos realizados pelo IBGE, Ary trabalhou em diferentes órgãos públicos, como o Ministério da Fazenda, os Correios e a Casa da Moeda. Durante mais de quarenta anos, foi responsável pela criação de rótulos de embalagens, capas de revistas, logomarcas, gráficos estatísticos e muitos cartazes de várias outras empresas, e trabalhou, de 1966 a 1967, como Diretor de Arte da Editora Bloch.

Era um profissional antenado com o que acontecia no *design* mundial, apesar de ter visitado o exterior apenas uma vez em toda sua vida. O artista não viajou muito, mas seus trabalhos rodaram a Europa, participando de exposições coletivas de cartazes em Veneza, Londres, Madri, Porto, Barcelona, Roma, Paris, Varsóvia e Brno (na República Tcheca).



No alto, foto do Obelisco no Centro do Rio de Janeiro, com a “folhinha” que anuncia o Censo. A ousada ação publicitária foi sensação na época. Acima os cartazes do Censo 1950 e 1970.



Dois Dedos de Prosa com: Ricardo Paes de B Guilherme dos San

Na edição anterior da Vou te Contar (nº 12), você ficou conhecendo a dinâmica de atuação da Comissão Consultiva do Censo 2010 e quem são os seus membros. Para deixá-lo cada vez mais por dentro dessa importante iniciativa, preparamos uma série de matérias com informações, curiosidades e opiniões desses renomados especialistas que, em parceria com o IBGE, trabalham para o sucesso do próximo Censo. Para esta edição, conversamos com o cientista social Wanderley Guilherme dos Santos e com o economista Ricardo Paes de Barros.

Ricardo Paes de Barros já é veterano da Comissão Consultiva, ele também participou das reuniões no Censo 2000. “É um enorme prazer, orgulho e satisfação poder estar nesse grupo superselecionado que contribui com voz numa pesquisa tão importante”, declara. Wanderley Guilherme dos Santos é estreante no grupo, mas já é um entusiasta da iniciativa. “A comissão tem um caráter extremamente democrático: um número muito grande de pessoas, de várias orientações e especialidades colaborando com um empreendimento de alta relevância nacional”, afirma.

Tanto Ricardo quanto Wanderley veem os dados do Censo como indispensáveis para a criação de políticas públicas no Brasil. “Os dados estão lá, são informações de certidão de nascimento da sociedade, só que ainda mais completas”, comenta Wanderley. Ricardo aponta como a grande vantagem do Censo o fato de que seus dados mostram a heterogeneidade dentro dos municípios. “O governador do estado não faz uma política para o estado, ele tem que fazer uma política que seja adequada para cada área especificamente”, comenta Ricardo, “Quem governa o país próximo a um Censo sempre tem chances de governar melhor do que quem governa o país longe do Censo”, completa.

De acordo com esses dois pesquisadores, as informações produzidas pelo IBGE, também são fundamentais para a realização de seus trabalhos. “Eu sou fã do IBGE de priscas eras”, declara Wanderley. “Em tudo o que eu fiz, o IBGE foi o centro, não poderia ter feito nada sem ele”, afirma Ricardo.

Fotos: Álvaro da Silva Vasconcellos

Ricardo Paes Barros: orgulho e satisfação em contribuir mais uma vez para o sucesso do Censo.

Barros e Wanderley dos Santos

Wanderley Guilherme dos Santos é cientista social e suas áreas de ensino e pesquisa são Teoria Política, Política Comparada e Política Brasileira. Ricardo Paes de Barros é coordenador de Avaliação de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. O economista conduz pesquisas no campo de desigualdade social, educação, pobreza e mercado de trabalho. Curiosamente esses dois profissionais, referências em suas áreas de atuação, decidiram seguir caminhos bem diferentes dos traçados por eles no início da carreira: Ricardo é graduado em engenharia eletrônica e Wanderley tem formação básica em filosofia.

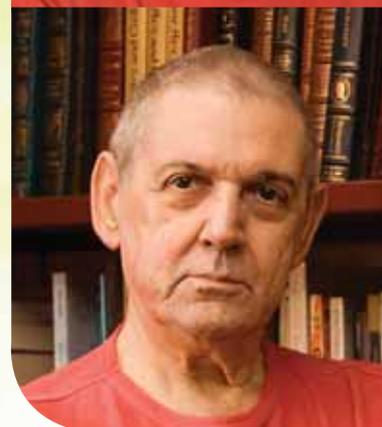
“Eu tinha uma clara habilidade quantitativa e um grande interesse pela área social, esse era o caminho, meio que natural, para tentar combinar as duas coisas”, é assim que Ricardo explica porque decidiu abandonar a engenharia eletrônica e se dedicar ao estudo da Economia, investigando sobre a realidade social do Brasil e da América Latina.

Já Wanderley conta que, ironicamente, sua paixão pelas Ciências Sociais ganhou força a partir de uma pesquisa que ele fez sobre o pensamento filosófico brasileiro. “Foi quando eu comecei a descobrir textos de filósofos brasileiros fazendo análises da política do Brasil, não como filósofos, mas como pessoas normais, que eu achava muito mais interessante do que as filosofias que eles escreviam”, comenta Wanderley.

Vencedores de importantes prêmios científicos, portadores de honrosos títulos e reconhecidos pelos seus trabalhos tanto nacionalmente quanto internacionalmente, Wanderley Guilherme dos Santos e Ricardo Paes de Barros recebem com modéstia todo esse prestígio.

“É muito gratificante depois de muitos anos de trabalho ter uma consideração por parte dos colegas e dos estudantes como um ponto de referência positivo”, analisa Wanderley que reconhece seus méritos, mas se diz beneficiado pelo momento vivido por sua geração. “Era o começo da Ciência Política como uma área de estudo isolada e nosso objetivo era criar os cursos com o padrão internacional”, comenta.

Também refletindo sobre o assunto, Ricardo afirma que apesar de ver o reconhecimento como algo positivo, não o encara como um incentivo para sua carreira. “É bom saber que o trabalho que eu estou fazendo tem algum impacto, que é percebido como algo útil e que tem valor, mas, na verdade, eu estaria fazendo a mesma coisa se tivesse tido pouco impacto”, garante.



Fotos: Licia Rubinstein

Para Wanderley Guilherme dos Santos os dados obtidos no Censo contribuem para a criação de políticas públicas.



Fotomontagem: Álvaro Vasconcelos e Licia Rubinstein

Eu adoro fazer Censo

Na coleta de dados de um Censo Demográfico, os recenseadores conhecem muita gente, ouvem muitas histórias e se surpreendem diante das várias situações de vida que encontram ao longo das quadras e faces dos setores censitários. No alto de uma ladeira, no meio do vai e vem frenético de um grande centro urbano ou do outro lado do leito de um rio, o objetivo do recenseador é sempre o mesmo: visitar os domicílios e conseguir aplicar os questionários. Faça chuva ou faça sol, calor ou frio, a coleta tem que continuar.

Apesar de o desafio ser grande e o trabalho puxado, quem participa dessa operação garante: é uma experiência para toda a vida. Pensando nisso, a Vou te Contar consultou as cartas enviadas por recenseadores que participaram dos Censos 2007 (Contagem da População e Censo Agropecuário) para conferir os aspectos mais marcantes, os bons momentos e as dificuldades.

As cartas trazem depoimentos como o de Elcione Damasceno Silva, de Ponta de Pedras (PA), que diz ter se sentido muito honrada por ter trabalhado na coleta: “conheci muitos lugares que precisam ser olhados pelas nossas autoridades com mais carinho. A simplicidade das pessoas e dos lugares vai sempre ficar na minha lembrança. Com certeza essa experiência me fez melhorar muito como pessoa e cidadã”. Percepção semelhante teve Maria da Conceição Monteiro, de Afonso Cláudio (ES): “fui uma recenseadora que não deixou ninguém para trás, nenhum domicílio fechado. Conviver com as diferenças de classe só me fez ter mais respeito pelas pessoas”.

Recenseador profissional

Parece que alguns gostam tanto de “fazer censo” que aguardam com expectativa o período de inscrição para seleção de recenseadores. Para elas, essa também é uma oportunidade de ganhar dinheiro em um emprego temporário. É o caso de Cristina Maria de Araújo, de Pará de Minas (MG): “nos Censos 2007, fiquei feliz porque pude comprar meu tão sonhado computador e quitar todas as minhas dívidas”.

Leide Ribeiro Soares Leme, de Alumínio (SP), que foi recenseadora no Censo 1991, adora falar sobre as situações que encontrou em campo. “As pessoas confundem recenseador com vendedor, agente municipal ou pesquisador político. Mas, têm aqueles que nos recebem com carinho e se sentem felizes por serem lembrados”, comenta. Já Ezilma Xavier Guimarães, de Sidrolândia (MS), demonstra estar consciente da importância de seu papel como recenseadora: “é a segunda vez que faço censo. Sou muito orgulhosa pelo trabalho sério que executei como uma das responsáveis pela contagem da população do meu País”.

“...é a segunda vez que faço censo. Sou muito orgulhosa pelo trabalho sério que executei como uma das responsáveis pela contagem da população do meu País.”

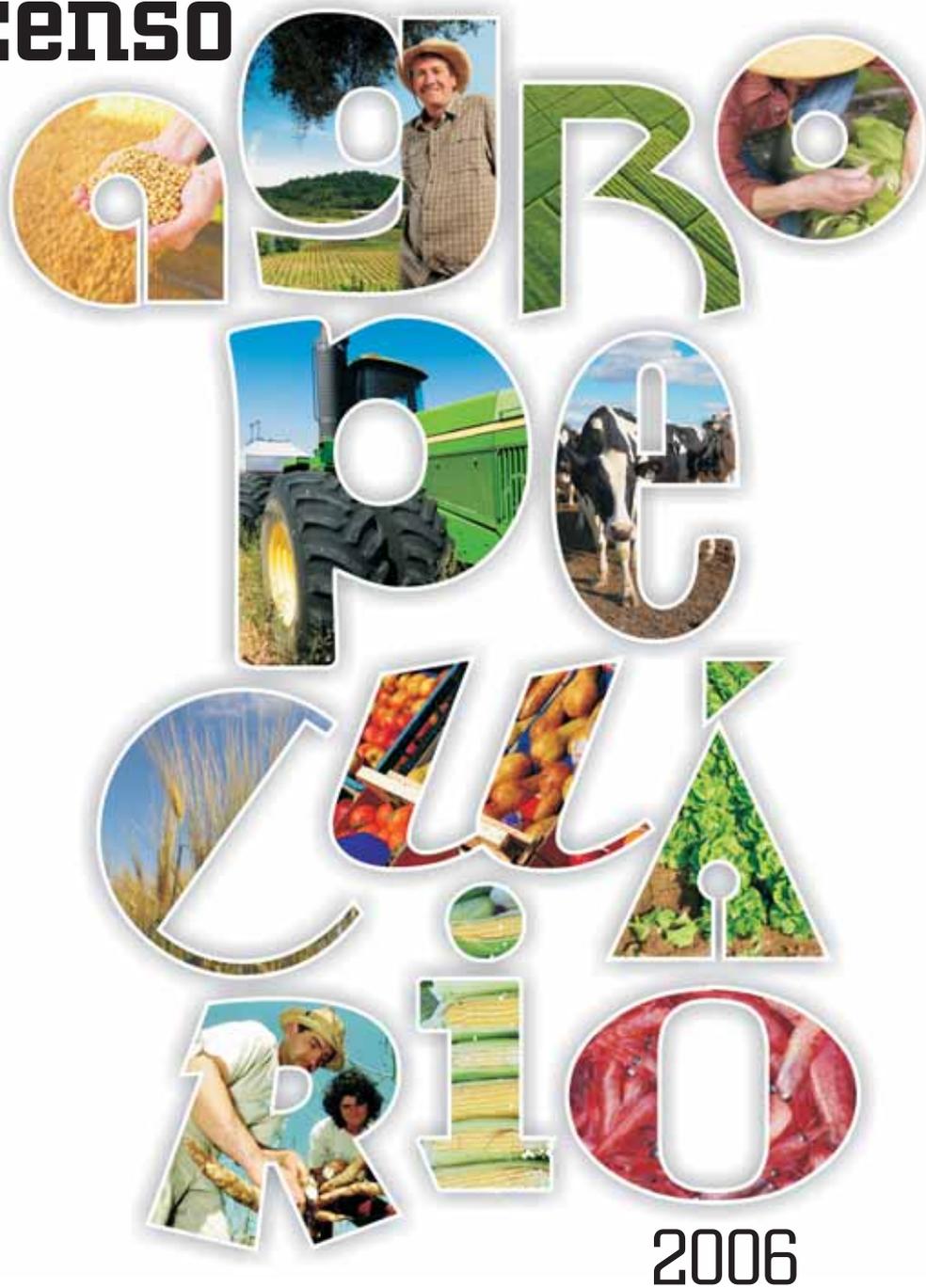
Leide Ribeiro Soares Leme, de Alumínio (SP), sobre a sua experiência no Censo 1991.

Desafios e recompensas

“Nunca desisti, mesmo na chuva, andando a pé, pegando carona e sendo muitas vezes recebido por pessoas mal-educadas”, conta Sérgio da Silva Lira, de Casinhas (PE). Tanta persistência resultou para os recenseadores, em geral, um saldo de muitos questionários respondidos e algumas surpresas também. Antônio Paulo Ferreira Pereira, de Paranatinga (MT), foi um dos felizardos:

“Toda história tem um final, que no meu caso foi feliz. Logo no começo do trabalho, conheci uma linda garota pela qual me apaixonei e vice-versa”. No caso de Gérson Paiva Soares, de Benedito Leite (MA), a superação foi o presente final: “tive que aprender a ser corajoso ao ter que passar por dentro de um cemitério à noite e enfrentar atoleiros de lama. Valeu a pena”.

CENSO



A visão mais completa e detalhada da atividade

www.ibge.gov.br 0800-721-8181



Quem tem boca vai ao SCRLN*

A necessidade de localizar pessoas, objetos ou construções está intimamente ligada à existência dos endereços. Porém, esta localização nem sempre é fácil ou familiar – seja em áreas planejadas, como o Plano Piloto do Distrito Federal; ou em favelas e palafitas, os chamados aglomerados subnormais.

“Todos nós lidamos com o endereço em nosso dia-a-dia”, afirma Wolney Menezes, responsável pelo Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos - CNEFE. Afinal, moramos, trabalhamos ou estudamos em uma rua, avenida, travessa, ladeira, enfim, em um logradouro que tem seu nome. Pelo menos a maioria de nós.

Não é o caso, por exemplo, dos brasilienses. O sistema de endereços de Brasília, embora organizado, soa estranho para os visitantes, devido à utilização de dezenas de siglas. O Eixo Monumental divide a capital entre dois lados: Sul e Norte. As siglas terminadas em N se referem a áreas do norte, e as em S são de regiões do lado sul. “Brasília é completamente diferente, as pessoas não moram em ruas, mas em áreas. Não há nome de rua, há nome de área”.

* Setor de Comércio e Residência Local Norte, região do Distrito Federal



Foto: Licia Rubinstein

Nomeclaturas diversificadas e ausência de endereços em áreas rurais e aglomerados subnormais são peculiaridades que os recenseadores vão confrontar.

E essas áreas residenciais são conhecidas como superquadras. São nestes conjuntos de blocos de apartamentos residenciais que estará concentrado o trabalho dos recenseadores durante o Censo 2010. Caso elas tenham o algarismo da centena par, estão localizadas a leste em relação ao Eixo Rodoviário. Se ímpar, estão a oeste. Os algarismos também indicam a distância a que se encontram do Eixo.

Suponhamos que o endereço seja SQN 104 bloco D apartamento 301. O morador está em uma superquadra do Eixo da Asa Norte, do lado oeste, como mostra a centena 100. O algarismo 4 indica que está na quarta superquadra contada a partir do Eixo Monumental, que divide as duas Asas.

Wolney comenta outra singularidade da capital: “Além dessas diferenças, em Brasília não existe face para quarteirão. Cada edifício, cada bloco, será reconhecido como face pelo sistema do Censo”.

Morobó e Palmas

Além do Distrito Federal, os Municípios de Marabá (PA) e Palmas (TO) têm endereços peculiares. A cidade paraense possui “folhas”, regiões administrativas que podem ser grosseiramente comparadas aos bairros. Após passar por uma grande enchente, foi construída uma nova região no município, cujas subdivisões ganharam este nome. “Lá, o ordenamento do endereço é folha, quadra, lote”, comenta Wolney. Já Palmas foi a última cidade planejada do Século XX no Brasil. De forma similar ao Distrito Federal, as ruas não possuem nomes, mas sim números, e as quadras são numeradas.

Áreas rurais e aglomerados subnormais

De acordo com Wolney, muito mais do que uma curiosidade como a de Brasília, Palmas e Marabá, a questão do endereço é problemática mesmo nas áreas rurais e, principalmente, em aglomerados subnormais.

“Nas áreas rurais, em geral o CNEFE tem registrado o último ponto formal, como o km 30 da estrada X. A partir daí, há um campo no sistema que permite que coloquemos referências, como ‘pegar estrada de terra do lado direito da rodovia’”, afirma Wolney, para prosseguir afirmando que “a vantagem das áreas rurais, na comparação com os aglomerados, é que temos a possibilidade de usar as coordenadas como referência. E o agente do IBGE pode colocar uma placa naquele local inserido como referência no sistema, para que depois o supervisor possa conferir seu trabalho”.

“Já nos aglomerados subnormais, a coordenada não vale, porque a distância entre as residências é muito pequena”, explica. Nesses casos, o que o recenseador poderá fazer é incluir referências, embora às vezes isso não ocorra. “Nos registros do Censo 2000 você verá muitas ruas sem nome e casas sem número. A estrutura mínima de endereços não existe nesses locais”, afirma Wolney.

Curiosidades do Distrito Federal

Abaixo, uma relação de siglas que são encontradas nos endereços do Distrito Federal:

CL (N/S/SW) - Comércio Local (Norte/Sul/Sudoeste)

SC (N/S) - Setor Comercial (Norte/Sul)

SCE (N/S) - Setor de Clubes Esportivos (Norte/Sul)

SDC (N/S) - Setor de Difusão Cultural (Norte/Sul)

SD (N/S) - Setor de Diversões (Norte/Sul)

SH (N/S) - Setor Hoteleiro (Norte/Sul)

SHTN - Setor de Hotéis de Turismo Norte

SMH (N/S) - Setor Médico Hospitalar (Norte/Sul)

SQ (N/S/SW) - Superquadras (Norte/Sul/Sudoeste)

CNEFE, um cadastro em constante atualização

O Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos - CNEFE, elaborado pelo IBGE a partir dos registros de unidades recenseadas em 2000 e 2007, vai compreender quase a totalidade dos setores urbanos dos municípios brasileiros.

Esse cadastro prévio de endereços está sendo associado aos mapas digitais, será atualizado por fontes cadastrais diversas e, a partir de março de 2010, passará por uma conferência nas áreas urbanas. A esta etapa o IBGE dá o nome de "Pré-Coleta", para posterior inclusão no computador de mão, o que permitirá ao recenseador se orientar melhor em seu percurso durante o trabalho de campo.

Além de gerar um cadastro de endereços o mais atualizado possível, todo este esforço visa a facilitar o trabalho dos recenseadores. Em último caso, eles próprios poderão fazer atualizações durante a coleta do Censo 2010.

Nas palavras de Wolney Menezes, o CNEFE é uma iniciativa que visa a formalização dos endereços. "No Brasil há muita informalidade quanto ao endereço. Em muitos locais, o endereço é definido quase que pelo próprio morador", ressalta. Se no deslocamento diário essa informalidade pode ser contornada com o apoio e informação de transeuntes, no trabalho censitário as dificuldades são muito mais sérias. "Lidamos com informações incompletas, mas conseguimos chegar onde queremos. A dificuldade começa a surgir quando criamos um arquivo, pois precisamos de uma disciplina muito maior. Afinal, um sistema 'não tem boca' para ir a Roma", comenta com bom humor.

E se houver um novo endereço, uma modificação após a Pré-Coleta de março de 2010? "O recenseador recebe o mapa do local onde vai trabalhar, em

papel e digitalmente. Quando ele seleciona uma face de quarteirão, vão parecer os endereços existentes daquela face, e caso alguma mudança tenha ocorrido, ele poderá incluir as novidades", completa Wolney.



Foto: Google Maps



A VOZ do DOMICÍLIO

População
Trabalho Migração
Rendimento
Família Educação
Habitação



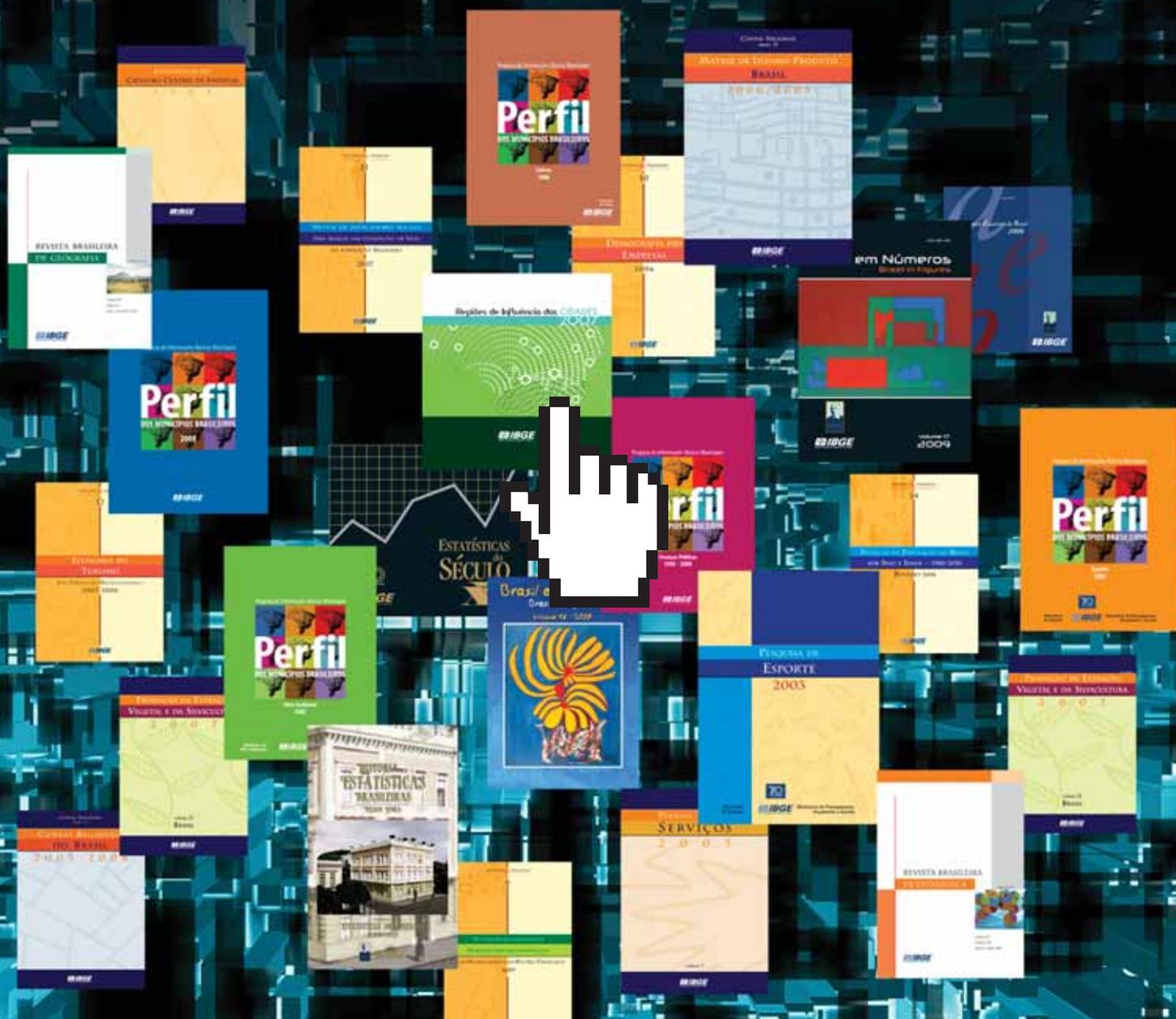
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008

volume Brasil
(publicação impressa)

Síntese de Indicadores
(publicação impressa com CD-ROM)

www.ibge.gov.br 0800 721 8181

Loja virtual do IBGE Descubra o Brasil com um clique. Acesse www.ibge.gov.br/lojavirtual



www.ibge.gov.br 0800-721-8181